Conto Selecionado



NOCAUTE

JACK LONDON

CINCO HISTÓRIAS DE BOXE

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

★ NOCAUTE ★

Jack London

cinco histórias de boxe

tradução: Sergio Flaksman

ilustrações: Kako

Benvirá


BOXING CHAMPIONSHIP
O BIFE 1909
KING
AUSTRALIA
vs.
SANDEL
N.ZEALAND
AT THE
GAIETY
CLUB
Reserve Seats Early
POPULAR PRICES
THROUGHOUT
THE SEASON
The management reserve the right to refuse admission
4/6 3/- 4/6 6/6 1/2 at 8.30
QUALIFIED MEDICAL MAN IN ATTENDANCE
BOXING GLOVES
supplied by
A.G. SPALDING &
BROS., Ltd.

Com o último pedaço de pão, Tom King raspou do prato a última partícula de molho e mastigou o bocado resultante numa pensativa lentidão. Quando se levantou da mesa, sentia-se oprimido pela sensação de que estava claramente com fome. Ainda assim, só ele tinha comido. As duas crianças do quarto ao lado tinham sido postas na cama cedo com a esperança de que, no sono, pudessem se esquecer de não terem jantado. Sua mulher não tinha tocado em nada, sentando-se calada à mesa e fitando Tom com olhos solícitos. Era uma mulher magra e desgastada da classe trabalhadora, embora não faltassem em seu rosto sinais de uma beleza anterior. A farinha para o molho ela tinha obtido de empréstimo com a vizinha do outro lado do corredor. As duas últimas moedas de meio *penny* ela tinha gasto na compra do pão.

Ele se sentou junto à janela numa cadeira raquítica que protestou ao receber seu peso, pôs mecanicamente o cachimbo na boca e mergulhou a mão no bolso externo do paletó. A falta de tabaco fez com que tomasse consciência de seu gesto e, fazendo uma careta por causa do esquecimento, pôs o cachimbo de lado. Seus movimentos eram lentos e desajeitados, como que sobrecarregados pelo peso maciço de seus músculos. Era um homem de corpo sólido e ar obstinado, e sua aparência não abundava em atrativos. Suas roupas ásperas eram velhas e tratadas com desleixo. O corpo de couro de seus sapatos estava fraco demais para arcar com o peso das pesadas solas a eles acrescentadas e que, elas também, já vinham de longa data. A camisa de algodão que usava, artigo muito barato, exibia o colarinho puído e manchas irremovíveis de tinta.

Mas era o rosto de Tom King que indicava, sem possibilidade de erro, o que ele fazia. Era o rosto típico de um lutador profissional; de alguém que tinha dedicado muitos anos de serviço à lona do ringue, desenvolvendo e enfatizando assim todos os traços do animal lutador. Tinha um rosto claramente achatado e, para que nenhum de seus traços deixe de ser descrito, era totalmente barbeado. Os lábios eram informes e constituíam uma boca muito desagradável aos olhos, que mais parecia uma ferida em seu rosto. A mandíbula era agressiva, brutal, excessiva. Os olhos, de movimentos lentos e pálpebras pesadas, não tinham expressão quase nenhuma debaixo das sobrancelhas bastas e quase unidas. Puro animal que era, seus olhos representavam seu traço mais animalesco. Sonolentos como os de um leão, eram olhos de um animal que luta. A testa se inclinava rapidamente para trás ao encontro dos cabelos, que, cortados muito curtos, deixavam ver todas as protuberâncias de um crânio de ar malévolo. O nariz, duas

vezes fraturado e deformado de várias maneiras por inúmeros socos, e as orelhas de couve-flor, permanentemente deformadas e inchadas ao dobro do tamanho, completavam sua aparência, enquanto a barba, ainda que recém-raspada, já lhe brotava da pele e criava uma sombra azul-escura em seu rosto.

No final das contas, era o rosto de um homem a ser temido, num beco escuro ou num lugar deserto. Mas Tom King não era um criminoso. Tirando as trocas de socos, comuns em seu modo de vida, nunca ferira ninguém. E nem jamais fora visto puxando briga. Era um profissional, e toda a disposição brutal de que dava mostras se limitava às suas apresentações profissionais. Fora do ringue, era um homem lento, de natureza dócil e, na juventude, quando ganhava muito dinheiro, foi mais mão-aberta do que deveria. Não guardava rancor e tinha poucos inimigos. Para ele, lutar era um negócio. No ringue, golpeava para ferir, golpeava para incapacitar, golpeava para destruir; mas sem animosidade. Era sua proposta de negócio. Plateias se reuniam e pagavam pelo espetáculo de dois homens derrubando-se a socos. O vencedor ficava com a maior parte da bolsa. Quando Tom King enfrentou Woolloomoolloo Gouger, vinte anos antes, sabia que o queixo de Gouger só estava curado havia quatro meses, depois de ter sido quebrado numa luta em Newcastle. E procurou acertar esse queixo, que tornou a fraturar no nono *round*, não porque tivesse alguma diferença com Gouger, mas porque era a maneira mais segura de derrubar o adversário e ficar com a parte maior do dinheiro. E Gouger também não ficou com raiva dele. Era o jogo, o jogo que os dois conheciam e disputavam.

Tom King, que nunca fora de falar, ficou sentado junto à janela, num silêncio sombrio, contemplando as próprias mãos. As veias saltavam nas costas delas, grandes e inchadas; e as juntas dos dedos, maltratadas, surradas e deformadas, revelavam o emprego que costumavam ter. Nunca ouvira dizer que a vida de um homem era a vida de suas artérias, mas sabia bem o que queriam dizer aquelas veias enormes em relevo. Seu coração tinha bombeado sangue demais para elas à máxima pressão. Elas agora não serviam mais para aquele trabalho. Ele forçara a elasticidade delas até o máximo e, com essa maleabilidade, também se acabara a resistência de Tom. Hoje em dia ele se cansava depressa. Não era mais capaz de lutar vinte *rounds* a toda velocidade, martelo e pinças, lutar, lutar, lutar, de gongo a gongo, um ataque feroz atrás do outro, ser empurrado para as cordas e por sua vez também empurrar o adversário para elas, combater com mais velocidade e fúria no último *round*, o vigésimo, com a plateia toda de pé e aos gritos, ele próprio atacando, golpeando, se esquivando, despejando chuvas de

socos e recebendo chuvas de socos em resposta, o tempo todo o coração bombeando sem parar o sangue pelas veias certas. As veias, inchadas naquele tempo, sempre tinham murchado depois, mas não de todo — a cada vez, quase imperceptivelmente no início, foram ficando um pouco maiores do que antes. Olhou para elas e para suas falanges maltratadas e, por um instante, teve uma visão da excelência juvenil daquelas mãos antes de ter a primeira falange esmagada contra a cabeça de Benny Jones, também conhecido como o Terror de Gales.

A sensação de fome voltou.

"Diabo, se pelo menos eu pudesse comer um bife!", resmungou em voz alta, cerrando os punhos e cuspindo uma maldição abafada.

"Tentei nos dois açougues da área", respondeu sua mulher em tom de desculpas.

"E eles, nada?", perguntou ele.

"Nem meio *penny*. Burke me disse...", ela hesitou.

"Conte! O que ele disse?"

"Que ele achava que Sandel ia ganhar de você hoje à noite, e que sua conta por lá já estava bem grande."

Tom King grunhiu, mas não respondeu. Estava ocupado pensando no *bull terrier* que tinha quando jovem e que alimentava com bifes e mais bifes. Burke lhe dava crédito para até mil bifes — naquele tempo. Mas as coisas tinham mudado. Tom King estava ficando velho; e os velhos, que lutavam em clubes de segunda, não podiam esperar que os comerciantes da área lhes vendessem fiado.

Ele acordara de manhã louco por um bife, e o desejo não diminuíra. Não treinara direito para aquela luta. Era um ano de seca na Austrália, tempos difíceis, e quase impossível achar trabalho, mesmo irregular. Não tinha *sparring* para treinar e sua alimentação não fora das melhores e nem sempre suficiente. Trabalhava em escavações sempre que conseguia e corria em torno do parque Domain, em Sidney, de manhã cedo, para manter as pernas em forma. Mas era difícil treinar sem parceiro e com uma mulher e dois filhinhos para sustentar. O crédito com os comerciantes da área sofrera uma expansão muito limitada quando seu combate com Sandel foi anunciado. O secretário do Clube Gayety lhe adiantara três libras — a parte da bolsa para o perdedor — e, além disso, se recusara a lhe dar qualquer coisa. De tempos em tempos, ele conseguia o empréstimo de alguns xelins com velhos amigos, que até emprestariam mais se o ano não fosse de seca e eles próprios não estivessem também em dificuldades.

Não — e não havia como disfarçar —, seu treinamento não fora satisfatório. Ele devia ter comido melhor e se preocupado menos. Além disso, quando o homem chega aos quarenta anos, tem mais dificuldade para entrar em forma do que aos vinte.

"Que horas são, Lizzie?", perguntou ele.

Sua mulher foi perguntar do outro lado do corredor e voltou.

"Quinze para as oito."

"A primeira luta vai começar daqui a pouco", disse Tom. "É só um ensaio. Depois são quatro rounds entre Dealer Wells e Gridley e uma luta de dez rounds entre Starlight e algum marinheiro idiota. Eu só entro daqui a pelo menos uma hora."

Ao final de mais dez minutos de silêncio, ele se levantou.

"A verdade, Lizzie, é que eu não me preparei direito."

Estendeu a mão para o chapéu e pôs-se a caminho da porta. Não fez menção de beijar a mulher — ele nunca a beijava quando saía de casa —, mas naquela noite ela se adiantou e lhe deu um beijo, lançando os braços em torno do pescoço dele e obrigando-o a se abaixar. Parecia muito miúda ao lado daquela montanha de homem.

"Boa sorte, Tom", disse ela. "Você precisa ganhar."

"É, eu preciso ganhar dele", repetiu Tom. "E pronto. Só preciso ganhar."

Riu, tentando se mostrar animado, enquanto ela o abraçava com mais força. Por cima dos ombros dela, ele contemplou a sala despojada. Era tudo que ele tinha no mundo, com o aluguel atrasado, ela e as crianças. E ele estava saindo para a noite em busca de carne para seus filhotes e a mãe deles — não como um homem moderno que se dirige ao moinho mecânico de cada dia, mas da maneira antiga, primitiva, animal e nobre, lutando por ela.

"Preciso ganhar dele", repetiu Tom, desta vez com um sinal de desespero na voz. "Se eu ganhar, são trinta libras... posso pagar tudo que estou devendo, e ainda sobra um bom dinheiro. Se eu perder, não ganho nada — nem mesmo um penny para pagar o bonde de volta pra casa. O secretário já me pagou todo o dinheiro do perdedor. Até logo, minha velha. Eu volto direto para casa se vencer."

"E eu vou estar esperando", respondeu ela quando ele já se afastava pelo corredor.

Eram mais de três quilômetros até o Gayety, e enquanto caminhava ele se lembrava que, nos seus dias de triunfo — havia sido campeão dos pesos-pesados

de Nova Gales do Sul —, ia de táxi para a luta e que, muito provavelmente, algum apostador mais generoso pagaria o táxi para ir com ele. Tommy Burns e o preto americano, Jack Johnson — esses dois tinham carro. Enquanto ele ia a pé! E, como qualquer um sabia, caminhar depressa três quilômetros não era a melhor forma de se aquecer para uma luta. Ele estava velho, e o mundo não tratava bem dos velhos. Ele não prestava para nada além de trabalho braçal, e seu nariz quebrado e suas orelhas inchadas nem nisso o ajudavam. Surpreendeu-se desejando ter aprendido algum ofício. Teria sido melhor, no fim das contas. Mas ninguém dissera isso a ele, e ele, bem no fundo, sabia que não teria dado atenção se alguém o fizesse. Era tudo tão fácil. Dinheiro farto — lutas rápidas e gloriosas — períodos de descanso e ócio entre elas — um séquito de puxa-sacos, os tapas nas costas, os apertos de mão, os sujeitos que ficavam felizes de lhe pagar uma bebida em troca do privilégio de cinco minutos de conversa — e a glória de tudo aquilo, o público aos berros, o fim da luta com uma chuva de socos, o grito do juiz, "vitória de King!", e seu nome nas colunas de esporte do dia seguinte.

Os bons tempos! Mas agora ele percebia, a seu modo lento e ruminante, que eram os velhos que ele derrotava naquela época. Ele era a Juventude em ascensão; e eles, a Velhice em declínio. Não admira que tenha sido tão fácil — eles com as veias inchadas, os dedos maltratados e o cansaço acumulado nos ossos pelas demoradas batalhas que já haviam disputado. E lembrou-se da luta em que apagou Stowsher Bill, na baía de Rush-Cutter, nos arredores da cidade, no décimo oitavo *round*, e como depois vira o velho Bill no vestiário, chorando como uma criança. Talvez estivesse com o aluguel mais que atrasado. Pode ser que tivesse em casa mulher e dois filhos pequenos. E talvez Bill, naquele dia mesmo da luta, tivesse sentido uma vontade terrível de comer um bife. Bill lutara limpo, aguentando um castigo incrível. E agora ele via, depois que ele próprio tinha passado pelo moinho, que Stowsher Bill lutara por um prêmio maior, naquela noite de vinte anos antes, do que o jovem Tom King, que só lutava pela glória e o dinheiro fácil. Não admira que, mais tarde, Stowsher Bill tenha chorado no vestiário.

Bem, o sujeito só podia disputar um certo número de lutas. Era a regra férrea do jogo. Um homem podia ser capaz de disputar cem lutas difíceis; outro, só vinte. Cada um dos dois, de acordo com sua constituição e a qualidade de sua fibra, tinha um número certo de lutas que podia disputar e, quando chegava à última delas, era o fim da linha. É, ele fora capaz de mais lutas que a maioria dos outros e participara de uma boa série de lutas difíceis e encarniçadas — do tipo

que exigia que o coração e os pulmões quase estourassem, do tipo que acabava com a elasticidade das artérias e transformava a leveza ágil da Juventude em nós endurecidos de músculos, que desgastavam os nervos e a energia, que deixavam o cérebro e os ossos esgotados pelo excesso de esforço e o abuso da resistência. Sim, ele fora mais longe que todos eles. Nenhum de seus parceiros de luta ainda estava na ativa. Ele era o último da velha guarda. Vira o fim de todos eles e participara do encerramento de várias carreiras.

Organizavam lutas suas contra os mais velhos, e ele os derrubava um depois do outro — rindo quando eles choravam no vestiário, como no caso do velho Stowsher Bill. Agora era ele o velho, e organizavam lutas de jovens contra ele. Como aquele sujeito, Sandel. Viera da Nova Zelândia com um belo cartel. Mas ninguém na Austrália sabia quem era, então o punham para lutar contra o velho Tom King. Se Sandel se saísse bem, conseguiria combates contra lutadores melhores, com bolsas maiores em disputa; por isso, era certo que ele iria lutar com a maior ferocidade. Tinha tudo a ganhar — dinheiro, glória e carreira; e Tom King era o velho saco de pancada atravessado em seu caminho para a fama e a fortuna. E não tinha nada a ganhar além das trinta libras da bolsa para pagar o senhorio e os comerciantes do bairro. E, enquanto ruminava assim, Tom King teve uma visão desalentada das formas da Juventude, a gloriosa Juventude, triunfante e invencível, de músculos elásticos e pele sedosa, com um coração e pulmões que nunca se cansavam nem rompiam, e que riam das limitações ao esforço. Sim, a Juventude era a Nêmesis. Destruía os velhos e nem percebia que, ao fazê-lo, destruía a si mesma. Inchava suas artérias, moía os ossos dos dedos, e era por sua vez destruída pela Juventude. Porque a Juventude era sempre jovem. Era só a Velhice que envelhecia.

Na rua Castleragh, ele virou à esquerda, e três quarteirões depois chegou ao Gayety. Um bando de jovens desocupados em frente à porta abriu caminho respeitosamente para ele, e Tom ouviu um deles dizer aos outros: “É ele! É Tom King!”.

Lá dentro, a caminho do vestiário, encontrou o secretário, um jovem de olhos penetrantes e rosto esperto, que lhe deu um aperto de mão.

“Como está se sentindo, Tom?”, perguntou ele.

“Perfeitamente em forma”, respondeu King, embora soubesse que estava mentindo e que, se tivesse uma libra, teria dado tudo ali mesmo em troca de um bom bife.

Quando emergiu de seu vestiário, com os segundos atrás dele, e desceu o

corredor até o ringue quadrado no centro do salão, ouviu-se uma explosão de aplausos e saudações da plateia que o esperava. Respondeu a cumprimentos à direita e à esquerda, embora só reconhecesse poucos rostos. Na maioria, eram rostos de meninos que nem tinham nascido quando já conquistava suas primeiras vitórias no ringue. Deu um salto ágil para a plataforma e se abaixou para passar por sob as cordas e se dirigir ao seu *corner*, onde sentou num banquinho dobrável. Jack Ball, o juiz, aproximou-se e lhe deu um aperto de mão. Ball era um pugilista acabado que não subia ao ringue para lutar havia mais de dez anos. King gostou de tê-lo como juiz. Os dois eram velhos. Se ele exorbitasse um pouco das regras com Sandel, sabia que podia contar com a tolerância de Ball.

Jovens aspirantes a peso-pesado, um depois do outro, subiam ao ringue e eram apresentados à plateia pelo juiz, que também anunciava seus desafios. “O jovem Pronto”, anunciou Ball, “do norte de Sydney, desafia o vencedor a uma aposta particular de cinquenta libras.”

O público aplaudiu, e tornou a aplaudir quando o próprio Sandel passou entre as cordas e se instalou no seu *corner*. Tom King olhou curioso para ele do outro lado do ringue, pois dali a poucos minutos estariam enlaçados num combate inclemente, cada um usando toda a sua força para, a socos, tentar deixar o outro inconsciente. Mas não conseguiu ver muita coisa, pois Sandel, como ele próprio, estava de calças e suéter por cima de seu traje de combate. Seu rosto era de uma beleza forte, coroado por encaracolados cabelos louros, enquanto seu pescoço grosso e musculoso indicava o esplendor de sua forma física.

O jovem Pronto foi a um dos cantos e depois ao outro, trocando apertos de mão com os lutadores, e depois desceu do ringue. Os desafios se sucediam. A Juventude atravessava as cordas — sempre a Juventude, desconhecida mas insaciável — clamando para a humanidade que, com força e talento, dispunha-se a enfrentar quem vencesse hoje. Alguns anos antes, no apogeu de sua própria invencibilidade, Tom King acharia graça e se entediaria com todas essas preliminares. Mas agora se sentia fascinado, incapaz de afastar dos olhos aquela visão da Juventude. Sempre havia jovens como aqueles entrando no boxe, pulando por entre as cordas e emitindo seus brados de desafio; e sempre havia os velhos que eles derrubavam. Ascendiam ao sucesso escalando os corpos dos velhos. Nunca paravam de chegar, mais e mais jovens — a Juventude, insaciável e irresistível — e nunca paravam de afastar os velhos, eles próprios se transformando em velhos e percorrendo o mesmo caminho ladeira abaixo, enquanto atrás deles, sempre empurrando para abrir caminho, vinha a Juventude

eterna — os novos bebês, que se tornavam ambiciosos e atropelavam os mais velhos, com mais bebês atrás deles, e assim até o fim dos tempos —, a Juventude, que precisa fazer valer sua vontade e nunca há de morrer.

King olhou para o camarote da imprensa e trocou acenos de cabeça com Morgan, do *Sportsman*, e Corbett, do *Referee*. Em seguida estendeu as mãos, enquanto Sid Sullivan e Charley Bates, seus segundos, calçavam-lhe as luvas e as atavam com firmeza, observados de perto por um dos segundos de Sandel, que antes examinou em detalhe as ataduras que protegiam os nós dos dedos de King. Um dos segundos dele tinha ido até o *corner* de Sandel, desincumbindo-se de função semelhante. As calças de Sandel foram tiradas, e, quando se levantou, seu suéter foi puxado por cima da sua cabeça. E Tom King, ao olhar para ele, viu a Juventude encarnada, com o peito largo e os tendões reforçados, com os músculos que escorriam e se deslocavam como criaturas vivas por baixo da pele de um branco acetinado. Todo aquele corpo fervilhava de vida, e Tom King sabia que era uma vida que nunca deixava de emanar seu frescor pelos poros doloridos durante as longas lutas nas quais a Juventude paga seus tributos, saindo delas menos jovem do que entrava.

Os dois homens avançaram um contra o outro e, quando o gongo soou e os segundos, carregando os banquinhos dobráveis, deixaram o ringue,, trocaram um aperto de mão e imediatamente assumiram a postura de luta. No mesmo instante, como um mecanismo de aço e molas acionado por um gatilho muito sensível, Sandel avançou e recuou, e depois avançou de novo, soltando uma esquerda nos olhos, uma direita nas costelas, se esquivando de uma resposta, dançando leve para longe e dançando ameaçadoramente de novo para perto. Era rápido e inteligente. Sua apresentação foi deslumbrante, e o público gritou de aprovação. Mas King não se deslumbrava. Já tinha disputado lutas demais e enfrentado muitos jovens. Sabia exatamente como eram aqueles golpes — rápidos e elegantes demais para trazer algum perigo. Era evidente que, desde o início, Sandel queria apressar as coisas. Já era de se esperar. Era assim que lutava a Juventude, desbaratando sua energia e sua excelência numa insurgência louca e em ataques furiosos, derrotando o adversário com seu ilimitado esplendor de força e desejo.

Sandel se aproximava e se afastava, aqui, ali e acolá, com os pés ligeiros e o coração faminto, um esplendor vivo de carne branca e força muscular que tecia uma teia esplêndida de ataques, fintas e saltos como dardos em pleno voo, de gesto em gesto por mil gestos, todos destinados a destruir Tom King, que ousava

se interpor entre ele e a fortuna. E Tom King, paciente, resistia. Sabia o que estava fazendo e conhecia a Juventude, agora que não a possuía mais. Não havia nada a fazer até o outro extravasar boa parte de seu vapor, pensava ele, e sorriu para si mesmo ao curvar-se deliberadamente para receber um golpe fortíssimo no topo da cabeça. Era uma coisa maldosa, mas totalmente de acordo com as regras do esporte. Cada um cuidava dos seus dedos, e, se o outro insistia em golpear o adversário no topo da cabeça, era por sua própria conta e risco. King podia ter se abaixado mais e deixado o soco passar sibilando por cima da cabeça, mas lembrou-se de suas próprias primeiras lutas e de como tinha fraturado a primeira falange de um dedo contra a cabeça do Terror de Gales. Estava só jogando o jogo. Aquela cabeça abaixada devia ter dado conta de uma das falanges de Sandel. Não que agora este fosse lhe dar importância. Iria continuar, num ritmo soberbo apesar da contusão, batendo forte como sempre até o fim da luta. Mas, mais tarde, quando as longas batalhas no ringue começassem a produzir seu efeito, ele se lamentaria por aquela falange e se lembraria de como a tinha fraturado socando o topo da cabeça de Tom King.

O primeiro *round* foi todo de Sandel, e o público aclamava a rapidez de suas séries de golpes ofensivos. Ele deixava King sem ação com avalanches de socos, e King não fazia nada. Não respondeu nem uma vez, limitando-se a fechar a guarda, bloquear os socos, esquivar-se e apelar para o *clinch*, de modo a evitar um castigo maior. Fazia alguma finta ocasional, sacudia a cabeça quando recebia o peso de um soco e se deslocava vagarosamente pelo ringue, nunca pulando nem dando botes ou desperdiçando um grama de força. Todos os movimentos de King eram lentos e metódicos, e seus olhos de pálpebras pesadas e movimentos lentos davam a impressão de que estava meio adormecido ou mesmo tonto. No entanto, eram olhos que enxergavam tudo, que tinham sido treinados para enxergar tudo ao longo de vinte e tantos anos no ringue. Eram olhos que não piscavam nem se desviavam antes de um golpe iminente, mas enxergavam friamente e calculavam distâncias.

Sentado em seu *corner* para o descanso de um minuto ao final do primeiro *round*, inclinou-se para trás com as pernas estendidas, os braços apoiados no canto das cordas, seu peito e seu abdômen exibindo francamente seu esforço profundo para respirar, enquanto engolia o ar empurrado pelas toalhas de seus segundos. Ouvia com os olhos fechados as vozes da plateia. “Por que você não luta, Tom?”, gritavam muitas delas. “Não está com medo dele, ou está?”

“Está com a musculatura presa”, ouviu um homem comentar na primeira fila.

“Não consegue se mexer mais depressa. Dois contra um em Sandel, de uma libra para cima.”

O gongo soou e os dois homens avançaram na direção do *corner* oposto. Sandel percorreu quase três quartos da distância, ansioso por recomeçar, mas King se contentou em percorrer a distância mais curta. Era a linha que adotara em sua política de economia. Não estava bem-treinado nem tinha comido o suficiente, e cada passo contava. Além disso, já tinha andado três quilômetros para chegar até ali. E o que se viu foi uma repetição do primeiro *round*, com Sandel atacando como um moinho de vento e o público perguntando indignado por que King não reagia. Além de algumas fintas e de vários golpes desferidos com lentidão e sem eficiência, ele se limitava a bloquear, ganhar tempo e apelar para o *clinch*. Sandel queria acelerar o ritmo, enquanto King, por experiência, recusava-se a aceitar. Sorria com alguma tristeza em seu semblante maltratado pelo ringue e continuava a poupar energia com o zelo de que só a idade é capaz. Sandel era a Juventude, e esbanjava energia com o perdulário abandono da Juventude. A King cabia o domínio do ringue, a sensatez adquirida em demoradas e dolorosas batalhas. Observava com a cabeça e os olhos frios, deslocando-se devagar e esperando que a espuma de Sandel começasse a se desmanchar. Para a maioria dos observadores, parecia que King estava irreversivelmente dominado, e essa opinião era externada em apostas de até três contra um a favor de Sandel. Mas havia alguns que sabiam, uns poucos que conheciam King dos velhos tempos e que aceitaram o que lhes parecia dinheiro fácil.

O terceiro *round* começou como os outros, de um lado só, com Sandel tomando toda a iniciativa e desferindo todos os golpes. Meio minuto tinha passado quando Sandel, por excesso de confiança, deixou uma abertura. Os olhos de King e seu braço direito reagiram no mesmo instante. Foi seu primeiro soco de verdade — um gancho, com o arco do braço torcido para dar-lhe rigidez, e tendo por trás dele todo o peso do corpo, que fizera meio giro. Era como se um leão aparentemente adormecido de repente soltasse uma patada relâmpago. Sandel, atingido do lado do maxilar, desabou como um touro abatido. O homem não estava com a musculatura presa, no final das contas, e era capaz de soltar socos que tinham a força de um bate-estacas.

Sandel ficou abalado. Rolou e tentou levantar-se, mas os gritos altos de seus segundos, recomendando que aproveitasse toda a contagem, o fizeram esperar. Apoiou-se num dos joelhos, pronto para se levantar, e aguardou enquanto o juiz,

bem perto dele, contava os segundos em voz alta no seu ouvido. À contagem de nove, ele se levantou com sua postura de boxeador, e Tom King, de frente para ele, lamentou que o soco não tivesse pegado mais três centímetros na direção da ponta do queixo. Nesse caso teria sido nocaute, e ele podia ter voltado para casa levando as trinta libras para a mulher e as crianças.

O *round* continuou até o fim de seus três minutos, com Sandel pela primeira vez respeitando o adversário e King sempre se deslocando com lentidão e com seus olhos sonolentos. Quando o *round* se aproximava do fim, King, percebendo que a hora estava para chegar ao ver os segundos que se acocoravam do lado de fora, prontos para pular para o ringue por entre as cordas, conduziu a luta para seu próprio *corner*. Quando o gongo soou, sentou-se imediatamente no banquinho que o esperava, enquanto Sandel precisou percorrer toda a diagonal do quadrado até seu canto. Era uma coisa à toa, mas era a soma de pequenas coisas como aquela que contava. Sandel foi obrigado a percorrer mais aqueles passos, a gastar mais aquele tanto de energia e a perder parte do precioso minuto de descanso. No começo de cada *round*, King avançava muito devagar a partir de seu *corner*, o que forçava seu adversário a percorrer a distância maior. No final de cada *round*, a luta era conduzida por King para perto de seu próprio *corner*, para assim sentar-se sem demora.

Passaram-se mais dois *rounds* em que King poupava seus esforços e Sandel se mostrava pródigo. A tentativa que este fazia de forçar um ritmo mais acelerado incomodava King, pois uma boa porcentagem da miríade de golpes que choviam sobre ele acabava por atingi-lo. Ainda assim, ele persistia em sua obstinada lentidão, contrariando os gritos dos jovens esquentados da plateia, que o mandavam começar a lutar logo. Mais uma vez, no sexto *round*, Sandel se descuidou, e mais uma vez a temível direita de Tom King foi disparada contra seu maxilar, e mais uma vez Sandel esperou a contagem chegar a nove.

No sétimo *round*, o auge da condição física de Sandel passara e ele aceitou que aquela era a luta mais difícil de toda a sua experiência. Tom King era velho, mas o melhor velho que ele já tinha enfrentado — um velho que nunca perdia a cabeça, que tinha uma defesa incrível, cujos socos tinham o impacto de um porrete e que seria capaz de nocauteá-lo com qualquer das duas mãos. Ainda assim, Tom King não se atrevia a golpear o tempo todo. Nunca se esquecia de suas falanges maltratadas, e sabia que cada soco que desse precisava ter efeito, para que suas mãos pudessem aguentar até o fim da luta. Quando estava sentado em seu *corner*, de frente para o adversário, ocorreu-lhe que a soma de sua

experiência com a juventude de Sandel poderia produzir um campeão mundial dos pesos-pesados. Mas era este o problema. Sandel nunca chegaria a ser um campeão mundial. Faltava-lhe a experiência, que só podia adquirir ao preço da Juventude; por outro lado, quando conquistasse a experiência, toda a Juventude teria sido gasta no processo.

King se aproveitava de todas as vantagens que conhecia. Nunca perdia uma oportunidade de entrar em *clinch* e, quando o fazia, seu ombro rígido quase sempre atingia com força as costelas do adversário. Na filosofia do ringue, um golpe de ombro valia tanto quanto um soco em matéria de produzir estragos e era bem melhor do ponto de vista do dispêndio de energia. Além disso, nos *clinches*, King jogava o peso de seu corpo em cima do adversário e sempre relutava em soltá-lo. Isto acarretava a interferência do juiz, que precisava separar os dois, sempre ajudado por Sandel, que ainda não aprendera a descansar: toda vez que King entrava em *clinch* e atingia as costelas do adversário com o ombro, deixando a própria cabeça descansar apoiada no braço esquerdo de Sandel, este não conseguia deixar de usar aqueles gloriosos braços voadores com seus músculos flexíveis e, quase invariavelmente, puxava a direita bem para trás das costas e golpeava o rosto projetado para cima. Era um bom golpe, muito admirado pela plateia, mas não levava perigo e, portanto, não passava de um desperdício de energia. Mas Sandel era incansável e não tinha consciência de suas limitações, enquanto King sorria e, obstinado, continuava a resistir.

Sandel começou a aplicar uma direita poderosa no corpo do adversário. A impressão era de que King recebia um castigo tremendo, mas só os velhos frequentadores dos ringues percebiam o toque habilidoso de sua luva esquerda no bíceps do outro, pouco antes do impacto do golpe. É verdade, o golpe de Sandel o acertava toda vez, mas, em cada uma dessas vezes, parte de sua força se perdia devido àquele toque no bíceps. No nono *round*, em três ocasiões em menos de um minuto, a direita de King aplicou um gancho com seu arco retorcido no queixo de Sandel e, em todas elas, o corpo de Sandel caiu com todo seu peso estendido na lona. Das três vezes, ele esperou a contagem dos nove segundos de que dispunha e tornou a se pôr de pé, abalado e estremecido, mas ainda forte. Tinha perdido boa parte de sua velocidade e agora desperdiçava menos energia. Lutava com determinação, mas continuava a lançar mão de seu recurso principal, que era a Juventude —,enquanto o de King era a experiência. Como sua vitalidade tinha diminuído, e como perdera parte de seu vigor, King substituiu os dois pela astúcia, com a experiência adquirida em lutas demoradas

e promovendo a gestão cuidadosa de suas forças. Ele Não só tinha aprendido a nunca fazer um movimento supérfluo, mas também a induzir o adversário a esbanjar suas energias. Vezes sem conta, com as fintas das mãos e do corpo, continuava estimulando Sandel a pular para trás, esquivar-se ou lançar um contragolpe. King descansava, mas nunca deixava Sandel descansar. Era a estratégia da Velhice.

No começo do décimo *round*, King começou a deter os ataques do oponente com diretos de esquerda no rosto, e Sandel, cada vez mais desgastado, reagia encolhendo a esquerda, que depois abaixava, enquanto soltava um cruzado de direita do lado da cabeça de King. Pegava alto demais para acabar com o adversário mas, da primeira vez que recebeu o golpe, King experimentou a velha e conhecida sensação de um véu negro de inconsciência cobrindo sua mente. Naquele instante, ou pelo menos numa fração ínfima de um instante, ele parou. Num momento, viu seu adversário recuando para fora do seu campo de visão e o fundo de rostos brancos e expectantes; no momento seguinte, tornou a ver seu adversário e o fundo formado pelos rostos. Era como se tivesse adormecido só até tornar a abrir os olhos, mas o intervalo de inconsciência foi tão microscopicamente curto que nem teve o tempo de cair. O público viu King oscilar e a seus joelhos cederem, mas então o viu recobrar-se e retrair mais o queixo, procurando protegê-lo com o ombro esquerdo.

Várias vezes Sandel repetiu o golpe, mantendo King um tanto atordoado, até este encontrar uma defesa que também era um contragolpe. Ao mesmo tempo em que fintava com a esquerda, King deu meio passo para trás e desferiu um *uppercut* com toda a força de sua direita. E seu cálculo de tempo foi tão preciso que o soco atingiu em cheio o rosto de Sandel, que já estava em pleno movimento de se abaixar: Sandel ergueu-se no ar e curvou-se para trás, atingindo a lona com a cabeça e os ombros. King repetiu o contragolpe duas vezes, e,em seguida soltou-se e encostou o adversário nas cordas como que a marteladas. Não dava a Sandel a oportunidade de descansar ou de se recompor, e despejava golpe atrás de golpe até toda a plateia ficar de pé e o ar ficar tomado por uma onda ininterrupta de aplauso. Mas a força e a resistência de Sandel eram soberbas, e este continuava de pé. Um nocaute parecia certo, e um capitão de polícia, impressionado com o castigo terrível, levantou-se ao lado do ringue, pronto para interromper a luta. O gongo marcou o fim do *round* e Sandel cambaleou de volta para seu *corner*, afirmando ao capitão que estava bem e forte. Para provar o que dizia, deu dois pulos no ar, e o capitão de polícia

sossegou.

Tom King, inclinado para trás em seu *corner* e respirando com esforço, estava desapontado. Se a luta tivesse sido interrompida, o juiz deveria decidir a seu favor, e ele ganharia o dinheiro da bolsa. Ao contrário de Sandel, não lutava pela glória ou pela carreira, mas pelas trinta libras. E agora Sandel teria aquele minuto de descanso para se recuperar.

Chegou a vez da Juventude — palavras que voltaram de relance à mente de King, e este se lembrou da primeira vez que as tinha ouvido, na noite em que derrubara Stowsher Bill. Eram palavras que um janota, que lhe pagara uma bebida depois da luta, repetia sem parar, dando-lhe tapinhas no ombro. Chegou a vez da Juventude! O janota tinha razão. E naquela noite, muito tempo atrás, era ele a Juventude. Mas hoje a Juventude estava no *corner* oposto do ringue. Quanto a ele, já lutava havia meia hora e estava velho. Se tivesse lutado da mesma forma que Sandel, não teria durado quinze minutos. Mas a questão é que não conseguia mais se recuperar. As artérias dilatadas e o coração cansado não lhe permitiam recobrar as forças nos intervalos entre os *rounds*. E já não tinha começado a luta com força suficiente. Suas pernas estavam pesadas, e começava a sentir cãibras. Não devia ter caminhado aqueles três quilômetros até lá. Sem falar no bife que queria comer desde cedo. Um ódio terrível brotava nele contra os açougueiros que lhe recusavam crédito. Era difícil para um velho entrar numa luta sem ter comido bem. E um bife era tão pouco, custava só alguns *pence*, no máximo; mas, no fim das contas, para ele o valor era de trinta libras.

Quando o gongo deu início ao décimo primeiro *round*, Sandel se lançou ao ataque, exibindo um frescor que na verdade não tinha mais. E King percebeu do que se tratava — um blefe tão velho quanto o próprio boxe. Entrou em *clinch* para escapar e depois, soltando-se, permitiu que Sandel se preparasse. Era o que King queria. Ameaçou com a esquerda, provocou em resposta a esquiva e mais o gancho de baixo para cima que esperava, então deu meio passo para trás, desferiu seu *uppercut* em cheio na cara do outro e derrubou Sandel na lona. Depois disso, não deixou mais o adversário respirar, no que ele próprio recebeu algum castigo, mas causou muito mais estragos ao prensar Sandel contra as cordas, desferindo-lhe cruzados, ganchos e todo tipo de socos, desprendendo-se dos seus *clinches* ou ao atingi-lo com socos quando ele tentava o *clinch* e, todas as vezes que Sandel teria caído, aparava o corpo do outro com uma das mãos e, com a outra, lançava imediatamente o oponente contra as cordas, onde não tinha como desabar.

A essa altura o público tinha enlouquecido, todos estavam a favor dele e quase todas as vozes gritavam: “Vai, Tom!”, “Acaba com ele! Acaba com ele!”, “Agora você pegou ele de jeito, Tom!”. Tudo indicava um fim de luta relâmpago, e era para ver isso que o público comprava bons lugares.

E Tom King, que por meia hora poupara energia, agora a empregava prodigamente, no grande esforço de que ainda se sentia capaz. Era sua única chance — era agora ou nunca. Sua força se esgotava, e sua esperança era de que, antes que usasse suas últimas gotas, conseguisse derrubar o adversário. Enquanto continuava a golpear e empurrar, calculando friamente o peso de cada golpe e os danos que causava, percebeu como Sandel era um homem difícil de nocautear. Possuía uma resistência e uma energia extremas: a resistência e a energia da Juventude. Sandel estava, sem dúvida, pronto. Tinha as qualidades certas. Era só com aquela fibra resistente que se faziam os grandes lutadores.

Sandel oscilava e hesitava, mas Tom King sentia cãibras nas pernas e seus dedos das mãos doíam. Por mais que procurasse se preparar para soltar os golpes mais fortes, cada um deles era um sofrimento para suas mãos torturadas. Embora praticamente não fosse mais atacado, enfraquecia tão depressa quanto o adversário. Seus golpes acertavam o alvo, mas já não traziam mais o mesmo peso, e cada um era resultado de um arranco poderoso de sua força de vontade. Suas pernas pareciam chumbo, e ele tinha uma dificuldade visível de movê-las; enquanto os torcedores de Sandel, animados por esse sintoma, começaram a gritar palavras de estímulo para o seu lutador.

King ainda teve uma explosão de esforço. Soltou dois golpes em rápida sucessão — uma esquerda, um pouco alta demais, no plexo solar, e um cruzado de direita no queixo. Não foram golpes violentos, mas Sandel estava tão fraco e atordoado que caiu e se estendeu trêmulo na lona. O juiz se aproximou dele, gritando a contagem dos segundos fatais em seu ouvido. Se ele não se levantasse antes que a contagem chegasse a dez, a luta estava perdida. A casa, de pé, estava em silêncio. King se apoiava em pernas bambas. Sentia uma tontura mortífera e, diante dos seus olhos, aquele mar de rostos balançava e se desfocava, enquanto a seus ouvidos, como de muito longe, chegava a contagem do juiz. Ainda assim, considerava a luta ganha. Era impossível que um homem tão castigado pudesse se levantar.

Só a Juventude ainda poderia se erguer, e Sandel se ergueu. No quarto segundo, rolou de bruços e estendeu cegamente os braços para as cordas. No sétimo segundo, já conseguira se ajoelhar e descansou assim, com a cabeça

grogue se virando para um e outro lado sobre seus ombros. Quando o juiz gritou "Nove!", Sandel se pôs de pé, na posição correta para recomeçar, o braço esquerdo dobrado protegendo o rosto, o direito envolvendo o estômago. Seus pontos vitais estavam guardados, enquanto ele partia na direção de King, na esperança de conseguir um *clinch* e ganhar mais tempo.

No instante em que Sandel se levantou, King já o atacava, mas os dois golpes que soltou foram abafados pelos braços da guarda fechada. No momento seguinte, Sandel estava em *clinch* e se agarrava a ele em desespero, enquanto o juiz se esforçava para afastar os dois lutadores. King colaborou para se soltar. Sabia com que rapidez a Juventude se recobrava, e sabia que só poderia derrotar Sandel se pudesse impedir essa recuperação. Um soco forte bastaria. Sandel estava derrotado, sem a menor dúvida. Ele tinha superado o outro na estratégia, na luta, nos pontos. Sandel se desvencilhou do *clinch* oscilante, equilibrado na linha muito tênue que separa a derrota da sobrevivência. Um bom golpe faria Sandel cair e apagar. E Tom King, num clarão amargo, lembrou-se do bife e desejou tê-lo comido para dar sustento ao soco que precisava desferir. Preparou-se para soltar o golpe, que, no entanto, não saiu com a força nem a rapidez suficientes. Sandel balançou, mas não caiu, cambaleando para trás até se apoiar nas cordas, ainda resistindo. King cambaleou atrás dele e, sentindo um espasmo que lembrava a dissolução, desferiu mais um soco. Mas seu corpo não respondia mais. Tudo que lhe restava era sua inteligência de lutador, já atenuada e enevoada pela exaustão. O golpe, que pretendia acertar o queixo, não chegou mais alto que o ombro do outro. Ele queria um soco mais alto, mas os músculos cansados não conseguiram obedecer. E, com o impacto do golpe, o próprio Tom King oscilou para trás e quase caiu. E tentou mais uma vez. Dessa vez o soco passou longe e, por absoluta fraqueza, ele desabou de encontro a Sandel e entrou em *clinch*, agarrando-se ao adversário para não desabar ele próprio na lona.

King não tentou soltar-se. Tinha lançado o seu raio. Estava acabado. Agora era a vez da Juventude. Ainda durante o *clinch*, sentiu com o corpo que Sandel se fortalecia. Quando o juiz separou os dois, ali mesmo, diante de seus olhos, ele viu a Juventude recuperar-se. A cada instante Sandel ficava mais forte. Seus golpes, fracos e fúteis no início, ficaram mais rijos e precisos. Os olhos baços de King viram o punho enluvado rumando para o seu maxilar, e ele pensou em se proteger interpondo o braço. Percebeu o perigo, concebeu a reação, mas o braço estava pesado demais. Parecia carregar um peso adicional de cinquenta quilos de chumbo. Teimou em não se erguer, e Tom King tentou levantá-lo com a própria

alma. E então foi atingido pelo punho enluvado. Sentiu um estalo seco, que lembrava uma centelha elétrica, e ao mesmo tempo foi envolvido pelo véu de negrume.

Quando abriu de novo os olhos estava no seu canto do ringue, e ouvia os gritos da plateia como se fosse o ronco das ondas da Bondi Beach. Uma esponja molhada banhava a base de seu crânio, e Sid Sullivan soprava um esguicho refrescante de água fria em seu rosto e no peito. Suas luvas já tinham sido tiradas, e Sandel, curvando-se sobre ele, apertava a sua mão. Ele não sentia o menor rancor contra o homem que o tinha nocauteado, e devolveu o aperto com uma sinceridade que arrancou um protesto de seus dedos avariados. Então Sandel se dirigiu ao centro do ringue e a plateia calou seu pandemônio para ouvi-lo aceitar o desafio do jovem Pronto, propondo aumentar para cem libras a aposta à parte entre os dois. King continuava olhando, apático, enquanto seus segundos enxugavam a água que escorria de seu corpo, secavam seu rosto e o preparavam para deixar o ringue. Estava com fome. Não era a fome habitual, do tipo que aperta, mas uma fraqueza, uma palpitação na boca do estômago que se transmitia ao corpo todo. Lembrou-se do momento da luta em que conseguira deixar Sandel oscilando e tropeçando no fio da navalha, à beira da derrota. Ah, um bife teria dado conta dele! Só faltara aquele golpe decisivo, e ele perdeu a luta. Tudo por causa de um bife.

Seus segundos o sustentavam enquanto o ajudavam a atravessar as cordas. Desprendeu-se deles, abaixou-se sem ajuda para passar entre as cordas e pulou pesadamente no chão, seguindo os calcanhares dos segundos enquanto estes lhe abriam uma passagem pelo corredor central superlotado. Quando saiu do vestiário para a rua, na entrada do clube, um jovem se dirigiu a ele.

“Por que você não acabou com ele quando podia?”, perguntou o rapaz.

“Ora, vá pro inferno!”, respondeu Tom King, e então desceu os degraus até a calçada.

As portas do bar da esquina se abriam, e ele viu as luzes e as atendentes com seus sorrisos, ouviu as muitas vozes que discutiam a luta e o próspero tilintar das moedas no balcão. Alguém o convidou para uma bebida. Ele hesitou perceptivelmente, depois recusou e foi embora.

Não tinha um vintém nos bolsos, e a caminhada de três quilômetros até em casa pareceu-lhe muito longa. Estava mesmo envelhecendo. Ao cruzar o Domain, sentou-se de repente num banco, preocupado com a ideia da mulher sentada em casa, esperando para saber o resultado da luta. Aquilo era mais difícil

que qualquer nocaute, e ele achava quase impossível de enfrentar.

Sentia-se fraco e dolorido, e a dor em seus dedos avariados avisava que, mesmo que ele conseguisse algum trabalho braçal, só dali a uma semana poderia aguentar o cabo de uma picareta ou manejar uma pá. A palpitação de fome que sentia na boca do estômago o deixava enjoado. Foi tomado de assalto pela miséria de sua situação, e uma umidade inesperada veio a seus olhos. Cobriu o rosto com as mãos e, enquanto chorava, lembrou-se de Stowsher Bill e como o derrotara naquela noite de um passado distante. Pobre Stowsher Bill! Agora ele entendia por que o velho chorava no vestiário.

Leia mais na edição integral

(disponível nas versões impressa e digital)
www.benvira.com.br

O Jogo
O Mexicano
O Bife
O Benefício da Dúvida
A Fera do Abismo

Sinopse

Há quem pense que a literatura e o boxe jamais poderiam andar juntos, que ao primor e requinte da primeira se oporiam a fúria e a brutalidade do segundo. Ainda assim, de todos os esportes, o boxe parece ser o que mais tem marcado presença na literatura, principalmente na norte-americana. Autores como Ernest Hemingway, Vladimir Nabokov e Norman Mailer, além do próprio Jack London, subiram ao ringue algumas vezes — e não raro usaram seus punhos fora dele.

O fato é que o boxe, assim como qualquer luta com público pagante, fascina sua audiência ao expor a dimensão mais primordial de nossa existência: a do combate direto em que o melhor se sobrepõe. E talvez por isso mesmo o boxe ofereça tantas metáforas para o drama humano. Ao explorar a inteligência, a estratégia e o jogo de poder entre as quatro cordas, o que se encontra é uma narrativa heroica cujo protagonista sofre diversos golpes, supera alguns, é abatido por outros, e ao fim se vê transformado por suas próprias experiências. Um prato cheio para um escritor habilidoso como London.

Lutadores tendem a render personagens extraordinários. E é isso o que encontramos neste volume. Seja o bom-moço apaixonado que mal consegue pedir um milk-shake na sorveteria em que trabalha sua amada, mas que perde todas suas inibições ao vestir as luvas, seja o peso-pena sobre quem ninguém sabe nada, mas que enche os cofres da Junta Revolucionária Mexicana com os prêmios que ganha, todos eles têm a mesma habilidade: atingir-nos com suas histórias como um soco no estômago.

Sobre o Autor

Jack London nasceu em San Francisco, na Califórnia, em 1876. Teve uma infância pobre, começou a trabalhar em uma fábrica de conservas aos catorze anos e, antes de se tornar escritor, aventurou-se por terras longínquas, como o Klondike e o Japão. Amante inveterado do boxe, Jack praticou o esporte durante a universidade e sempre foi fascinado pelas histórias que circulavam ao redor dos ringues. Foi um dos primeiros escritores a viver da venda de contos para as então nascentes revistas literárias norte-americanas, como as que publicaram pela primeira vez os escritos desta coletânea. Faleceu em 1916, após complicações de uma infecção renal, e deixou 22 romances publicados, além de contos, ensaios e reportagens sobre os mais variados temas.